

# ROQUE GAMEIRO

UMA FAMÍLIA DE ARTISTAS  
A FAMILY OF ARTISTS

FUNDAÇÃO DOM LUÍS I, CASCAIS  
13.01.2017 – 22.03.2017

# ROQUE GAMEIRO

UMA FAMÍLIA DE ARTISTAS  
A FAMILY OF ARTISTS

FUNDAÇÃO DOM LUÍS, CASCAIS  
13.01.2017 – 22.03.2017

## **ROQUE GAMEIRO: UMA FAMÍLIA DE ARTISTAS**

Catálogo da exposição “Roque Gameiro: Uma Família da Artistas”,  
Fundação D. Luís (Cascais), 13 de Janeiro a 22 de Março de 2017.  
Exposição organizada por vários descendentes de Alfredo Roque Gameiro  
com a coordenação de Luís Cabral.

Nota: ao longo do catálogo, texto em português é impresso em letra preta,  
texto em inglês em letra azul.

## **ROQUE GAMEIRO: A FAMILY OF ARTISTS**

Catalog of the exhibition “Roque Gameiro: A Family of Artists,”  
D. Luís Foundation (Cascais, Portugal), January 13th to March 22nd, 2017.  
Curated by a group of descendants of Alfredo Roque Gameiro  
under the coordination of Luís Cabral.

Note: throughout the catalog, Portuguese text is printed in black,  
English text in blue.

© 2017 Luís Cabral

ISBN 978-1541114920

## UMA FAMÍLIA DE ARTISTAS

---

Alfredo Roque Gameiro, um dos mais importantes aguarelistas portugueses, foi também o “patriarca” de uma extensa família de artistas plásticos. A presente exposição centra-se nas duas primeiras gerações da chamada “tribo dos pincéis”: Alfredo Roque Gameiro, seus 5 filhos, e 2 genros casados com as filhas mais novas.

A mostra desenvolve-se em torno de 4 secções: *Retratos de Família* reflecte o carácter de uma família em que desenhar e pintar era tão natural como comer e conversar. *Aquarela: O Mar e a Orla Costeira* corresponde a um dos temas por que Alfredo Roque Gameiro é melhor conhecido: as aguarelas marinhas.

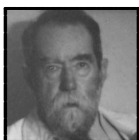
*Aquarela: Interiores e exteriores* mostra como a aguarela foi o “germe” por que os restantes familiares se iniciaram na pintura; e constitui uma excelente oportunidade para contrastar estilos e aproximações. Finalmente, *Um Pouco de Tudo* ilustra a extensão do trabalho artístico de filhos e genros: pintura a óleo e têmpera, ilustrações pequenas e painéis gigantes, escultura e cinema, e muito mais.

## A FAMILY OF ARTISTS

---

Alfredo Roque Gameiro, one of Portugal’s greatest watercolor painters, was also the “patriarch” of an extensive family of visual artists. The present exhibition focuses on the first two generations of the so-called “paintbrush tribe:” Alfredo Roque Gameiro, his five children, and two sons-in-law married to the patriarch’s two younger daughters.

The exhibition consists of four different sections: *Family Portraits* reflects the character of a family where to draw and to paint were as natural as to talk or to eat. *Watercolor: the Sea and the Sea Coast* corresponds to one of the themes for which Alfredo Roque Gameiro is best known: seascapes. *Watercolor: Indoor and Outdoor Scenes* shows how watercolor was the medium with which all family members took their first steps in painting; it also provides an excellent opportunity to contrast different styles followed by different artists. Finally, *This and That* illustrates the breadth of the art work of the second generation of the Roque Gameiro clan: oil and tempera paintings, small illustrations and large frescos, sculpture and cinema — and much more.



**ALFREDO  
ROQUE GAMEIRO**



**RAQUEL  
ROQUE GAMEIRO**



**MANUEL  
ROQUE GAMEIRO**



**HELENA  
ROQUE GAMEIRO**



**JOSÉ  
LEITÃO DE BARROS**



**MÂMIA  
ROQUE GAMEIRO**



**JAIME  
MARTINS BARATA**



**RUY  
ROQUE GAMEIRO**

# A TRIBO DOS PINCÉIS

---

Quando se percorre a história da arte de qualquer país, é frequente detectarem-se “família(s) oficina(s)”<sup>1</sup> que, em períodos mais ou menos longos, se destacam em diversos contextos artísticos.

Restringem-se, por vezes, a duas gerações sucessivas, como acontece, por exemplo, no século XVII, com os pintores Baltazar Gomes Figueira e a sua filha Josefa de Óbidos, ou, no século XIX, com Manuel Maria Bordalo Pinheiro, pintor ele próprio e que fazia desenhar os seus filhos desde a infância, sendo que, entre eles, se contam Maria Augusta, Rafael e o benjamim Columbano Bordalo Pinheiro. Em casos mais alargados, podem citar-se “séries” de gerações de arquitectos, por exemplo as iniciadas por Pardal Monteiro, Carlos Ramos ou Jorge Segurado. Recordo também curiosos casos de passagem de especialidade: dois pintores oitocentistas, Cristino da Silva, pai e filho, a que “sucede” o arquitecto Cristino da Silva; ou o pintor Carlos Botelho, com um filho arquitecto paisagista (Rafael Botelho) e netos e bisnetas que se “dividem” pelas diversas artes e lhes acrescentam novas, como a fotografia (o neto Manuel Botelho, a bisneta Catarina Botelho).

---

Páro esta reflexão solta que se limita a memórias esparsas e a interesses pessoais de investigação. Ela interessa-me porque as condições materiais de produção da arte são um tópico fundamental da história da arte, decisivas para grandes ciclos do passado mas cujas problemáticas devem estender-se aos chamados tempos contemporâneos. Mas é indispensável reiterar que este tipo de estudos assenta em factos históricos sem nenhuma pretensão (que seria ridícula) de definir modelos operativos que poderão ter sido essenciais no passado mas que, nos tempos próximos, não são condição determinante. Nunca se sabe onde e em que condições eclode (e se constrói) um artista! E muitos (imensos) não têm, do ponto de vista da sua formação, nem pai nem mãe e não deixam descendentes. . .

Enunciada a advertência, e voltando a uma memória dispersa, tendo a pensar que “o caso” dos Roque Gameiro é, sob diversos aspectos, assaz peculiar, senão único no Portugal do século XX. Seguindo as opções dos organizadores desta exposição, descendentes directos das duas primeiras gerações da “tribo dos pincéis”, vou centrar-me apenas na

---

peculiaridade da “família oficina” entre Alfredo Roque Gameiro, as suas filhas, Raquel, Helena e Mãmía Roque Gameiro e os genros, José Leitão de Barros, casado com Helena, e Jaime Martins Barata, casado com Mãmía<sup>2</sup>.

### **Alfredo Roque Gameiro (ARG): formação alemã, paixão portuguesa**

Começarei, naturalmente, pelo patriarca que, como tantos outros “lisboetas”, veio de fora: da ribatejana vila de Minde para trabalhar em Lisboa, filho de gente modesta com muitos filhos<sup>3</sup>. Um seu irmão mais velho, Justino Guedes, estava estabelecido como litógrafo e foi com ele que o menino, desde os dez anos, veio trabalhar. O talento e qualidades de trabalho demonstradas contribuíram para que, no contexto inovador da criação do ensino industrial artístico em Portugal, lhe tivesse sido concedida, a pedido do irmão, uma bolsa de formação na Alemanha. Estudou durante três anos em Leipzig, trabalhando na litografia Meissner & Buch e completando a sua formação na Escola de Artes e Ofícios<sup>4</sup>. Este é o primeiro facto que me interessa realçar: uma formação técnica qualificada, voltada para um ofício mas que não podia deixar de captar uma ambiência cultural.

Durante a estadia na Alemanha, “e dada a sua reputação de jovem bem formado, foi-lhe solicitado que acompanhasse e guiasse um estudante, muito jovem, de

---

artes decorativas, que a família tinha enviado a fim de completar a sua formação” (ROQUE GAMEIRO, 2009:55). Tratava-se do futuro arquitecto Raúl Lino que antes estudara em Inglaterra. Lino reconheceu sempre a importância dessa estadia em Hanôver<sup>5</sup> e manteve, durante décadas, correspondência com o seu mestre Albrecht Haupt que, nos anos de 1880, percorrera Portugal para inventariar e estudar diversos monumentos portugueses, objecto da sua tese de doutoramento, *Die Baukunst der Renaissance in Portugal*<sup>6</sup>. É muito curioso que tenha sido no estrangeiro, e através desse mestre alemão, que o arquitecto da “Casa portuguesa” tenha elaborado as bases substantivas do seu ideário, assente no conhecimento do território, nas matrizes da história e da arquitectura e na postura romântica de entender a casa como lugar de cristalização e reelaboração da memória artística da nação.

Desde esses tempos de juventude, Lino foi amigo dedicado de ARG. Desenhou-lhe a ampliação da casa da Venteira que sempre foi reivindicada como uma pitoresca casa portuguesa. Partilhavam o gosto de calcorrear o território que conheciam e amavam — sobretudo na geografia afectiva dos arredores saloios de Lisboa — com as suas tradições e nas suas manifestações de arte popular<sup>7</sup>. Lino inspirou-se nesse campo alargado de

---

uma potente geo-história para formular as variantes da “casa portuguesa”; ARG registou incansavelmente, o mar, as paisagens, as actividades das gentes, compondo uma narrativa pictórica naturalista que os valores do “portuguesismo” consolidam. Entendo por tal, os “valores castiços”<sup>8</sup> de uma história que era, no essencial, uma antiquíssima etnografia.

Segundo testemunho de Jaime Martins Barata, ARG queixar-se-ia que “via demais”. Congénito ou adquirido, real ou metafórico, esse ver “demais” foi um aguião da sua obra: numa intimidade amistosa e sem segredos com a técnica que elegera como meio de pintura (a aguarela), deu eternidade a paisagens, monumentos, casas e gentes de aldeia. Eram os heróis de uma história que começou por ser republicana e se acolheu, sem temor, na cultura salazarista, não por nenhuma adaptação (ou cedência de si próprio) mas porque ambos os regimes (como acontecerá com a doutrina comunista dos anos de 1940) tinham uma base comum de inscrição: um nacionalismo reiterado, vindo da cultura romântica do século XIX que lhe inventou raízes mais fundas (e por isso reais) numa história que Almada Negreiros definira, em Paris, 1919, como *Histoire du Portugal par coeur*<sup>9</sup>. Mas, salientando quanto esse amor a Portugal vinha detrás, bem do século XIX, poderemos evocar o apelo do poeta António Nobre:

---

*Qu’ é dos Pintores do meu país  
estranho,  
Onde estão eles que não vêm  
pintar?*<sup>10</sup>

### **Alargamento de campo: Roque Gameiro em família**

*Na casa da Amadora desenhar e  
pintar era tão natural como  
comer ou dormir*<sup>11</sup>.

Regressado a Portugal em 1887, ARG teve uma fonte de rendimentos segura como “director da Companhia Nacional Editora que sucedeu à Litografia Guedes” (ELIAS, 2015:3). Mas o que aqui interessa realçar é a sua afirmação como aguarelista, envolvido em obras referenciais que, na última década do século XIX, reivindicam e proclamam um nacionalismo histórico e mítico. Como já sugeri, esse culto da Nação é um traço de união entre monárquicos e republicanos que, no palco político, se digladiavam com intensidade crescente.

Das obras mais importantes em que ARG participou, saliento — seguindo o estudo de Margarida Elias — a edição da *História de Portugal*, da autoria de Manuel Pinheiro Chagas, com ilustrações suas, de Manuel de Macedo e de Alfredo de Moraes, a edição de *Os Lusíadas* da Empresa da História de Portugal, e *As Pupilas do Senhor Reitor* de Júlio Dinis. Para esta obra, segundo a autora que

---

venho a citar, a sua filha Raquel foi o modelo de Clara, e a sobrinha Hebe Gomes, a de Margarida.

Entra assim em cena, por uma porta aparentemente passiva, a primeira das suas filhas. Tanto ela, como as duas seguintes, Helena e Mãmía, foram reputadas artistas, aguarelistas as duas primeiras e pintora a terceira. A “oficina família” de que parti e estou a chegar nasce, naturalmente, dos rituais de uma vida familiar mas não pode dispensar a real vocação de cada um dos membros da comunidade.

Apesar da atenção que estas Roque Gameiro têm merecido nos últimos anos por parte da investigação em História da Arte<sup>12</sup>, creio que continua a faltar um estudo comparativo da obra das três, que terá o interesse de captar e reflectir as particularidades da obra de cada uma. Mas, inquestionavelmente, elas inscrevem-se, no essencial, em territórios comuns ao patriarca da família: a paixão pelo registo das coisas que povoam a casa, que evocam as gentes, que celebram a natureza, que captam hábitos de trabalho. Aceitam as sugestões do “ar livre” para deter uma impressão lumínica mas desenvolvem-se também em atelier, perante o modelo, que pode ser gente ou uma natureza-morta, especialmente arranjos florais.

Mas a “oficina” não decorreu apenas na casa familiar da Venteira. Seguindo mais uma vez Margarida Elias, em 1911,

---

“Roque Gameiro inaugurou o seu atelier na Rua D. Pedro V, em Lisboa. Nesse espaço, criou, com os filhos Raquel, Helena e Manuel, um atelier-escola, onde eram ministrados cursos de aguarela e desenho e, para a inauguração, foi realizada uma exposição”.

Pouco depois, em 1919 “foi fundada a Escola de Arte Aplicada de Lisboa, que esteve na génese da Escola de Artes Decorativas António Arroio. Roque Gameiro foi o seu primeiro diretor (até 1930) tendo a sua filha Helena sido professora nesse mesmo estabelecimento durante vinte e cinco anos” (Elias, 2015:6).

Já plenamente lisboeta, ARG não deixa de participar em certames no Porto e fora de Portugal. Destaco especialmente as exposições que realizou com a filha Helena, no Rio de Janeiro e em S. Paulo que foram recentemente estudadas por iniciativa de Sandra Leandro<sup>13</sup>. Mas é em Lisboa que o seu trabalho encontra o espelhamento do seu amor pela cidade antiga que, desde o início da publicação de *Lisboa Antiga* de Júlio de Castilho, em 1877, fizera nascer uma plêiade ilustre de olisipógrafos e amantes dos bairros históricos da capital.

Neste âmbito, deve destacar-se, em 1925, “a edição da obra *Lisboa Velha*, dedicada aos seus netos, prefaciada pelo escritor, poeta e amigo Afonso Lopes Vieira” (ELIAS, 2015: 6). No prefácio, ARG afirmava:

---

*Essa sincera mágoa e uma natural e saudosa atracção pelas coisas do passado, levaram-me, desde há trinta anos, a pintar em aguarelas, a desenhar e a documentar graficamente conforme pude e soube, todos os pormenores que a pouco a pouco iam desaparecendo da fisionomia da cidade (...). Essa tarefa é este livro (...)*<sup>14</sup>.

Os casamentos de Helena e de Mãmía com dois artistas, José Leitão de Barros e Jaime Martins Barata, permitiram insuflar na “Casa Oficina” novas intensidades. Apesar das acentuadas diferenças de temperamento artístico, os novos membros da “Tribo dos Pincéis” tinham, como ideal artístico, a aliança moral e estética entre arte e nação, postura que, como já acentuei, era a de ARG e das suas filhas.

Não cabe na economia deste texto, desenvolver a reflexão sobre os talentos e as concretizações artísticas de Leitão de Barros, na escrita, na cenografia, na aguarela e, sobretudo, no cinema. Mas interessa-me realçar que o seu contexto de referência o situa entre os Modernistas que se afirmam desde 1910 e que o SPN - Secretariado de Propaganda Nacional, dirigido por António Ferro, apoia na primeira fase do Estado Novo. Homem de uma criatividade esfusante (com muitos pontos de contacto com o seu amigo

---

Cottinelli Telmo), Leitão de Barros não era um vanguardista, essencialmente porque acreditava na tradição e era profundamente nacionalista. Por isso, a sua inegável modernidade procurava e potenciava pontes com as práticas artísticas do passado que, como tenho vindo a referir, viam a História mítica portuguesa como um dos estímulos essenciais de criação. Daí a sua plena inserção na “Tribo dos Pincéis”.

Quanto a Jaime Martins Barata, o seu modernismo é menos ousado mas detecta-se nas suas opções compositivas que ultrapassam o naturalismo, através de um retorno a heranças da pintura de História e a tendências estéticas simbolistas. Estas referências permitem-lhe considerar a tradição como alfofre inesgotável de criatividade. Por isso foi tão próximo do seu sogro<sup>15</sup>.

## Epílogo

*Minderico na alma, Roque Gameiro, foi-o, não tenho dúvidas a tal respeito igualmente no corpo. Se assim não é, quem se atreve a explicar os motivos por que o mais perfeito e completo artista da aguarela portuguesa se apresentou sempre vestido daquele briche tão português, que só tem semelhante e só encontra no burel que os carunchosos teares de Minde, desde recuados séculos,*

---

*produziam de dia, à luz do sol; e de noite, ao luar meigo de inolvidável candeia de azeite?*<sup>16</sup>

*... numa casa grande vivia um homem que nos parecia rico, mas que tinha um mistério: chamava-se Roque Gameiro, pintava e deixava-nos ver o que nos pareciam maravilhas que lhe nasciam de um pincel. Mais tarde, encontraria as suas aguarelas reproduzidas em livros e soube que tinha aprendido com elas um primeiro sentido da dimensão portuguesa no mundo*<sup>17</sup>.

As duas epígrafes que escolhi para terminar este texto evocam, com grandeza e afecto, o extraordinário percurso de Alfredo Roque Gameiro. Com alta dose de talento, determinação e trabalho, ele realizou um percurso inimaginável, quando, menino de dez anos, chegou a Lisboa, oriundo de uma família modesta de pequena vila ribatejana. Tornou-se, no notável testemunho de Adriano Moreira, um homem que “parecia rico”, que “tinha um mistério”, que, pelas suas aguarelas belas e celebratórias das paisagens e das gentes de Portugal, permitiram, a outro menino, “um primeiro sentido da dimensão portuguesa no mundo”.

---

Esta exposição permitirá reencontrar o artista que, no seu traje urbano, continuava a celebrar as raízes rudes aldeãs. Educou os seus filhos que passaram aos netos e bisnetos a sua máxima, aposta nas suas casas: “Honra os teus avós”, os de cada um de nós mas também de gerações passadas que, num território preciso, numa longa beira-mar propiciatória, se construiu como nação. E ele bem sabia que para “honrar os avós” é preciso educar os filhos. As três artistas Raquel, Helena e Mãmía foram, com amor e determinação, educadas para a liberdade, facto que era tão raro no Portugal de então. Elas o praticaram depois como bem evoca Joana Leitão de Barros, neta de Helena Roque Gameiro e José Leitão de Barros:

*não nos impunha o desenho ou a missa, um binómio no mesmo patamar para a família*<sup>18</sup>.

Raquel Henriques da Silva  
Professora da Faculdade de Ciências  
Sociais e Humanas,  
Universidade Nova de Lisboa  
(Departamento de História da Arte)

---

## Notas

1. Designação de Ana Mantero que transcrevo: “a imprensa da época referia-se assim e ela era isso mesmo, um clã unido à volta de uma arte fora de moda”, in MANTERO, Ana “Para a nossa avó Helena, um ramo de flores!” in Sandra LEANDRO (coord.) *Flor de Água. Helena Roque Gameiro (1895-1986). Aquarelas e artes aplicadas*. Amadora, Câmara Municipal da Amadora, 2017, p. 34.
2. Os dois filhos de Roque Gameiro, Manuel e Ruy, estão justamente presentes na exposição mas não os integro na reflexão do meu texto. Do primeiro, conheço mal a obra de aquarela que praticou também. O segundo, Ruy Gameiro, libertou-se “dos pincéis”: diplomou-se em Escultura na Escola de Belas-Artes de Lisboa e desenvolveu uma das carreiras mais brilhantes de escultor do seu tempo, tragicamente interrompida na juventude pela morte em acidente de viação.
3. Utilizarei sistematicamente o artigo de ELIAS, Margarida, “Alfredo Roque Gameiro (1864–1935), Pátria, Família, Arte”, in MORÃO Joana; PINTO, Ana Pinto (coordenação editorial), *Alfredo Roque Gameiro, Retorno à Casa da Venteira*. Catálogo de exposição. Amadora, 2015, pp. 6-17. Cito sobre outros estudos recolhidos por esta autora, a fala atribuída a ARG: “Não esquecerei jamais a impressão de sumptuosidade e de admiração que senti quando, aí por Fevereiro de 1874, vindo da minha humilde aldeia, entrei em Lisboa”.
4. Ver, para contexto e aprofundamento deste tópico, ROQUE GAMEIRO, Maria Alzira, *Do Museu Roque Gameiro ao Centro de Artes e Ofícios Roque Gameiro. Proposta de desenvolvimento comunitário*. Dissertação de Mestrado. Lisboa, Universidade Lusófona, 2009, p. 52 e seguintes.
5. “Por então, estudava-se para arquitecto, como para pintor ou escultor, em cursos livres. Frequentei durante quatro anos uma escola de artesanato e artes e ofícios (Handwerker und Kunstgewerbeschule), assistindo a aulas teóricas no Instituto Superior Técnico (Technische Hochschule), acumulando estas actividades com a prática, durante dois anos no «atelier» do Prof. A. Haupt, como voluntário. (...)” in LINO, Raul, “Autobiografia” in *Vida Mundial*, nº 1589, 21/XI/1969, pp. 28-42. Mais tarde, no catálogo da Exposição comemorativa do primeiro centenário de Roque Gameiro, 1964, Lino escreveu: “Do muito que devo a meu Pai pelo que fez pela minha educação, uma das coisas por que lhe fiquei mais grato foi o ter-me levado a conhecer Roque Gameiro, que ele previa ser para mim um companheiro ideal. Não se enganava”.
6. Ver, para desenvolvimento, BELCHIOR, Lucília dos Santos, *Karl Albrecht Haupt (1852-1932) e o «Desenho de Viagem»*. O registo dos monumentos nacionais: compreensão arquitectónica e formação estética. Tese de Doutoramento apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 2010.
7. Em 1925, afirmou Afonso Lopes Vieira: “Mas este homem caseiro, que estima, ao jeito de um flamengo, o recato dos interiores, pertence também à grande escola dos artistas caminheiros, os quais elegem para oficina de trabalhos os campos e as praias, os vales e os montes, se embebem de luz e de ar livre, se encantam com a cor e a linha dos aspectos e com o carácter das gentes que os povoam (...)”. In Elias, op. cit., p. 12.
8. Tomo a designação de “valores castiços” de um livrinho que foi fundamental na minha formação: GOITIA, Fernando Chueca, *Invariantes castizos de la arquitectura española*, editado pela primeira vez em 1947.

---

9. Ver versão integral in [http://www.fcsh.unl.pt/docentes/gvideiralopes/index\\_ficheiros/portugal\\_par\\_coeur.pdf](http://www.fcsh.unl.pt/docentes/gvideiralopes/index_ficheiros/portugal_par_coeur.pdf).

10. In NOBRE, António, *Só*. 1ª edição, Paris, 1892.

11. MANTERO, Ana in *Casa de Roque Gameiro Amadora*. Catálogo de exposição. Câmara Municipal da Amadora, 1997.

12. Destaco, do ponto de vista da História da Arte, o trabalho continuado de Sandra Leandro. A sua bibliografia está reunida na última obra, dedicada a Helena Roque Gameiro, citada na nota 1 deste texto.

13. Ver os textos dos historiadores de arte brasileiros Arthur Valle e Carlos Lima Júnior in LEANDRO, Sandra, op. cit, pp. 25-32.

14. In GAMEIRO, Manuel Roque; VIEIRA, Afonso Lopes, *Lisboa velha*. Lisboa, Tipografia da Empresa do Anuário Comercial, 1925, p. 7.

15. Vale a pena registar uma saborosa história: “Certa vez, em convivência com o seu genro Jaime Martins Barata, no qual encontrava eco fácil e entusiasmo para as engenhocas, construiu um atelier móvel de madeira, sobre rodas, para poder desenhar e aguarelar tranquilamente a coberto da chuva, do vento e do «mirantar dos covanos» ( do olhar dos mirones), mas resultou tão pesado que tinha que ser movido por uma junta de bois ... e, ao que consta, só foi usado uma vez”. In ROQUE GAMEIRO, Maria Alzira, op. cit., p. 57.

16. Alfredo de Matos, in jornal *O Mensageiro*, Abril de 1964 in ROQUE GAMEIRO, Maria Alzira, op. cit., p. 57.

---

17. Adriano Moreira, *A espuma do tempo — memórias do tempo de vésperas*. Coimbra, Almedina, 2009, pág.11 in ROQUE GAMEIRO, Maria Alzira, op. cit., p. 68.

18. In LEITÃO DEBARROS, Joana. “De trás para a frente, a renúncia”. In Sandra LEANDRO (coord.) *Flor de Água. Helena Roque Gameiro (1895-1986). Aguarelas e artes aplicadas*. Amadora, Câmara Municipal da Amadora, 2017, p. 38.

# THE PAINTBRUSH TRIBE

---

## **Preliminary point: “family workshops”**

As one runs through a country’s art history, one frequently comes across “family workshops” which, during shorter or longer periods of time, stood out in various artistic fields.<sup>1</sup> These are sometimes limited to two sequential generations, as is the case, for example, in the 17th century, with painters Baltazar Gomes Figueira and daughter Josefa de Óbidos; or, in the 19th century, with Manuel Maria Bordalo Pinheiro, himself a painter, who encouraged his children Maria Augusta, Rafael and Columbano to draw. There are also longer family stretches; one may cite, for example, the generational series of architects initiated by Pardal Monteiro, Carlos Ramos or Jorge Segurado. I also recall curious cases of inherited expertise: two father-and-son 19th century painters, Cristino da Silva, of whom the 20th-century architect, Cristino da Silva, is a descendant; or that of painter Carlos Botelho, among whose descendants we find Rafael Botelho, a son who became a landscape architect; Manuel Botelho, a grandson who became a photographer; and Catarina Botelho, a great-granddaughter who also became a photographer.

---

This digression, which is limited to dispersed memories and personal research interests, is important because the material conditions of art production are one of the fundamental topics in art history, decisive in the great cycles of the past but also relevant in the present time. One must stress, however, that these studies are based on historic facts and have no claim — which would be rather ridiculous — of defining operative models which may have been essential in the past but not so in more recent times. We never know where and in what conditions the artist emerges! And many of them — a multitude of them — do not have, from a formational point of view, father or mother or descendants...

Having made this preliminary point, and returning to a random recollection, I tend to think that the Roque Gameiro “case” is, in various ways, rather peculiar if not unique in 20th-century Portugal. Following the choice of the exhibition’s organizers — themselves direct descendants of Roque Gameiro —, I will focus my analysis of this “family workshop” on Alfredo Roque Gameiro; daughters Raquel, Helena and Mãmía; and sons-in-law José Leitão de Barros (married to Helena) and Jaime Martins Barata (married to Mãmía).<sup>2</sup>

---

**Alfredo Roque Gameiro (ARG):  
German formation, Portuguese passion**

I will naturally begin with the patriarch who, like many other “Lisboans,” originates from outside of Lisbon. Born in the Ribatejo village of Minde to a large and poor family, Roque Gameiro moved to Lisbon when he was 10 years old.<sup>3</sup> His older brother, Justino Guedes, was established in the capital as a lithographer and took him in as a young apprentice. Alfredo’s talent and industriousness contributed to his being awarded, at his brother’s request, a scholarship in Germany. Alfredo spent three years in Leipzig, working at Meissner & Buch Lithography and completing his studies at the School of Arts and Crafts.<sup>4</sup> This is the first fact that I want to stress: a qualified technical training, focused on a craft which is inevitably immersed in a specific cultural environment.

While in Germany, “and given his reputation of a well-formed young man, he was asked to accompany a very young student of decorative arts whom his family had sent to complete his training” (ROQUE GAMEIRO, 2009:55). This was the future architect Raul Lino, who had studied in England and was now in Hanover. Lino always acknowledged the importance of his stay in Hanover;<sup>5</sup> and for decades corresponded with his master, Albrecht Haupt, who, in the 1880s, had trekked through Portugal

---

to study various monuments as part of his doctoral thesis, *Die Baukunst der Renaissance in Portugal*.<sup>6</sup> It is rather curious that the architect later known for the “Portuguese House” would have laid down the substantive basis of his thinking through the influence of a German master and while living abroad.

During those years of youth, Lino was a devoted friend of ARG. It was he who drew the architectural plans of ARG’s Venteira home, always held as a prime example of a picturesque Portuguese house. Lino and ARG shared the common interest for trekking the country they knew and loved, with its traditions and popular art expressions — especially Lisbon’s rural outskirts.<sup>7</sup> From this wide-ranging field of geo-history Lino drew inspiration to formulate the “Portuguese House” and its variations. ARG, in turn, untiringly registered the sea, the landscape, the people and their doings, thus compiling a naturalist pictorial narrative consolidated by Portuguese values, by which I mean genuine values of a history which was, essentially, a very early effort in ethnography.<sup>8</sup>

According to Jaime Martins Barata, ARG complained that he “saw too much.” Genetic or acquired, real or metaphorical, this seeing “too much” was his lifework’s guiding compass: in an friendly and transparent intimacy with his preferred medium — watercolor

---

painting — he immortalized landscapes, monuments, houses and country folk. They were the heroes of a history that started off as republican and was later received by the prevailing culture of the Salazar period, not by adaptation or by concession but rather because both regimes shared a common base: a reiterated nationalism rooted in 19th-century romanticism, in a history that Almada Negreiros will define, in Paris in 1919, as *Histoire du Portugal par Coeur*.<sup>9</sup> So as to emphasize the 19th century roots of this love for Portugal, we may cite the poet António Nobre:

*What's become of the painters  
of my strange country?  
Where are they  
who do not come to paint?*<sup>10</sup>

### **Broadening the scope: Roque Gameiro in a family context**

*In the Amadora home, to draw  
or to paint were as natural as to  
eat and to sleep.*<sup>11</sup>

Having returned to Portugal in 1887, ARG benefited from a steady income as director of the *Companhia Nacional Editora*; but what is important to stress here is his activity as a watercolor painter, a body of work that, during the last decade of the 19th century, proclaims a historic and mythical nationalism. As I already mentioned, this cult of the

---

Nation is the thread that unites monarchists and republicans who otherwise fought each other with increasing fierceness. Of the most important works in which ARG collaborated, I stress — following the study by Margarida Elias — Manuel Pinheiro Chagas' *História de Portugal* (which, in addition to ARG, also includes illustrations by Manuel de Macedo and Alfredo de Morais); Camões' *Os Lusíadas*; and Júlio Dinis' *As Pupilas do Senhor Reitor*. When illustrating the latter (and I continue to cite Margarida Elias), ARG asked Raquel Roque Gameiro, his oldest child, to be a model for Clara (and Hebe Gomes, ARG's niece, the model for Margarida).

Thus ARG's first daughter enters the scene. Like Raquel, the two other daughters, Helena and Mãmía, were well-known artists: Raquel and Helena as watercolor painters, Mãmía as oil painter. The "family workshop," from which I started off and to which I now return, is naturally born of the rituals of a family; however, it does not detract from the real vocation of each community member.

Notwithstanding the attention that the Roque Gameiro sisters have been given by art historians in recent years,<sup>12</sup> I believe we still need a comparative study of their work, a study that will capture and reflect the peculiarities of each artist's contribution. But unquestionably they belong to a common territory with the family's patriarch: a passion for

---

recording the things which populate the house, evoke the peoples, celebrate nature, capture work habits. They accept the *plein air* invitation to absorb a light-filled impression; but they also develop their work within the studio confines and in the presence of a model or a still life (especially a flower arrangement).

However, the “workshop” was not limited to the Venteira house. In 1911, “Roque Gameiro opened his studio at D. Pedro V street in Lisbon. In this space, he created, together with Raquel, Manuel and Helena, a studio-school where drawing and watercolor painting courses were offered, and where an exhibition was organized as the inaugural act” (Elias, 2015: 6). Soon after, in 1919, “The Lisbon School of Applied Arts was founded, later becoming the António Arroio School of Decorative Arts. Roque Gameiro was its first director (until 1930) and his daughter Helena a teacher for 25 years” (Elias, 2015:6).

By now a Lisboan through and through, ARG does not abstain from opportunities to exhibit his work elsewhere in Portugal or abroad. I particularly stress the exhibitions he held with his daughter Helena in Rio de Janeiro and São Paulo, recently studied by Sandra Leandro.<sup>13</sup> But it’s in Lisbon that his work finds the reflection of his love for the old city, a love which, since the 1877 publication of Júlio de Castilho’ *Lisboa Antiga*, had

---

engendered a plethora of illustrious Lisbon scholars and lovers of the capital’s historical neighborhoods. In this context, one must stress the 1925 edition of “*Lisboa Velha*, dedicated to his grandchildren and prefaced by the writer, poet and friend Afonso Lopes Vieira” (ELIAS, 2015: 6). In it, ARG states

*This sincere sorrow and a natural and nostalgic attraction for things of old have led me, for the past thirty years, to paint in watercolor, to draw and to visually document in the best way that I could, all of the details that, little by little, were gradually disappearing from the city’s physiognomy ... That task is this book.*<sup>14</sup>

The marriages of Helena and Mãmía to two artists, José Leitão de Barros and Jaime Martins Barata, infused the “family workshop” with new tonalities. Notwithstanding significant differences in artistic temperament, the new members of the “paintbrush tribe” shared, as an artistic ideal, the moral and aesthetic alliance of Art and Nation, an attitude which, as I stressed earlier, was that of ARG and his daughters.

This is not the place to develop a reflection on Leitão de Barros’ talents and artistic exploits: in writing, in scenography, in watercolor painting and, above all, in cinema. But I want to stress

---

that his referential context places him among the modernists who emerged after 1910 and whom António Ferro would later support, during the first phase of the *Estado Novo*, through the National Propaganda Secretariat (SPN). A man of effusive creativity (with many points of contact with his friend, Cottinelli Telmo), Leitão de Barros was not avant-garde, essentially because he believed in tradition and was profoundly nationalist. For this reason, his undeniable modernity was connected to older artistic practices which, as I have been mentioning, saw the mythical history of Portugal as an essential source of creativity. Thus his complete insertion in the “paintbrush tribe.”

As to Jaime Martins Barata, his modernism is less daring but detectable in the compositional options that reach beyond naturalism, returning to historical painting heritage and symbolic aesthetic tendencies. These references allow him to consider tradition as an inexhaustible ground for artistic creation. For this reason he was very close to his father-in-law.<sup>15</sup>

## Epilogue

*Roque Gameiro was a Minde man in body and in soul. Were that not the case, who could explain why the most perfect and complete Portuguese watercolor painter would always don that*

---

*dark-brown woolen fabric that can only be found in the old, woodwarm-eaten Minde weaving looms?*<sup>16</sup>

*In a large house lived a man who seemed to us to be a rich man but who had a mystery: His name was Roque Gameiro. He painted and let us see what to us were marvels born out of a paint brush. Later, I would come to find his watercolors reproduced in books and found that I had learned from them a first meaning of Portugal’s stature in the world.*<sup>17</sup>

The two epigraphs I chose to end this text evoke, with grandeur and affection, Alfredo Roque Gameiro’s extraordinary journey. Based on a great measure of talent, determination and work, he accomplished what would be unimaginable to a ten-year-old boy from a modest family in a small Ribatejo village who had just arrived in Lisbon.

He became, in Adriano Moreira’s notable testimony, a man who “seemed to us to be a rich man,” a man who “had a mystery,” a man whose beautiful and celebratory watercolors of Portugal’s peoples and landscapes allowed another little boy to grasp “a first meaning of Portugal’s stature in the world.” This exhibition will allow us to re-encounter the artist who, in his urban garb, continued to celebrate his rural roots.

---

He impressed on his children a motto that they then passed on to grandchildren and great-grandchildren: *Honor your ancestors* (in Portuguese, “Honra teus avós”), those of each one of us but also of past generations who, in a precise territory, along a long and rich coast, came together as a nation. He well knew that, in order to “honor your ancestors” you must educate your children. The three artists, Raquel, Helena and Mãmía were, with love and determination, educated in freedom, a rare fact in turn-of-the-century Portugal. They too later followed the same path as their father. As Joana Leitão de Barros, granddaughter of Helena Roque Gameiro and José Leitão de Barros, recalls:

*She did not impose either drawing or attending mass, both of which the family placed on the same level.*<sup>18</sup>

Raquel Henriques da Silva  
Professor, Faculty of Social Science  
and Humanities,  
Universidade Nova de Lisboa  
(Department of Art History)

---

## Notes

1. According to Ana Mantero: “The press of those days referred to it as a clan united around an outmoded art form, and they were right.” In MANTERO, Ana “Para a nossa avó Helena, um ramo de flores!” in Sandra LEANDRO (Ed.) *Flor de Água. Helena Roque Gameiro (1895-1986). Aquarelas e artes aplicadas*. Amadora, Câmara Municipal da Amadora, 2017, p. 34.
2. While the two sons of Roque Gameiro, Manuel and Ruy, are rightly featured in the present exhibition, I will not include them in my text. I am poorly familiar with Manuel’s watercolor painting work. Ruy Roque Gameiro, in turn, liberated himself from the “brushes:” he graduated in sculpture from Lisbon’s Fine Arts School and developed one of the most brilliant sculpture careers of his time, a career that was tragically cut short by a road accident.
3. I will extensively refer to the article by ELIAS, Margarida, “Alfredo Roque Gameiro (1864–1935), Pátria, Família, Arte”, in MORÃO Joana; PINTO, Ana Pinto (Ed.), *Alfredo Roque Gameiro, Retorno à Casa da Venteira*. Exhibition Catalog. Amadora, 2015, pp. 6-17. From her I transcribe a citation attributed to ARG: “I will never forget the impression of sumptuousness and admiration I felt when, by around February 1874, coming from a humble village, I arrived in Lisbon.”
4. On this topic, see ROQUE GAMEIRO, Maria Alzira, *Do Museu Roque Gameiro ao Centro de Artes e Ofícios Roque Gameiro. Proposta de desenvolvimento comunitário*. Master’s Thesis. Lisboa, Universidade Lusófona, 2009, p. 52 and following.

---

5. “By then, one studied to become an architect, painter or sculptor by means of open-enrollment courses. For four years, I frequented an arts and crafts school (Handwerker und Kunstgewerbeschule) while sitting on theory classes at the Technische Hochschule. In addition to these activities, I worked for two years as an apprentice in Prof. A. Haupt’s studio.” In LINO, Raul, “Autobiografia” in *Vida Mundial*, n° 1589, 21/XI/1969, pp. 28-42. Later, writing for the catalog of the commemorative exhibition of Roque Gameiro’s first centennial (1964), Lino wrote: “Among the many things my father did for my education, one that I remain most grateful for is to have introduced me to Roque Gameiro, whom he foresaw as an ideal companion for me. He was right.”

6. See BELCHIOR, Lucília dos Santos, *Karl Albrecht Haupt (1852-1932) e o «Desenho de Viagem»*. *O registo dos monumentos nacionais: compreensão arquitectónica e formação estética*. Doctoral Thesis, Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa, 2010.

7. In 1925, Afonso Lopes Vieira wrote: “But this domestic man, who appreciates, like a flamenco, the privacy of interior spaces, also belongs to the great school of traveling artists, of those who make the fields and the beaches their studio, who soak in the light and fresh air.” In Elias, op. cit., p.12.

8. GOITIA, Fernando Chueca, *Invariantes castizos de la arquitectura española*, 1947.

9. Complete version in [http://www.fcsh.unl.pt/docentes/gvideiralopes/index\\_ficheiros/portugal\\_par\\_coeur.pdf](http://www.fcsh.unl.pt/docentes/gvideiralopes/index_ficheiros/portugal_par_coeur.pdf).

10. In NOBRE, António, *Só*. 1st edition, Paris, 1892.

11. MANTERO, Ana in *Casa de Roque Gameiro Amadora*. Exhibition Catalog, Câmara Municipal da Amadora, 1997.

---

12. I emphasize, from the art history point of view, the continuing work of Sandra Leandro. Her bibliography is compiled in her most recent work, devoted to Helena Roque Gameiro and cited in the first note.

13. See the texts by art historians Arthur Valle and Carlos Lima Júnior in LEANDRO, Sandra, op. cit, pp 25-32.

14. In GAMEIRO, Manuel Roque; VIEIRA, Afonso Lopes, *Lisboa Velha*. Lisboa, Tipografia da Empresa do Anuário Comercial, 1925, p. 7.

15. The following amusing anecdote must be mentioned: “One day, in connivance with his son-in-law Jaime Martins Barata, with whom he shared an enthusiasm for building useful apparatuses, Roque Gameiro built a mobile studio on wheels, to allow him peacefully to paint while protected from the rain, the wind and the distracting looks of passersby. However, the resulting vehicle was so heavy that it required a pair of oxen to be moved. It appears it was only used once. In ROQUE GAMEIRO, Maria Alzira, op. cit., p. 57.

16. Alfredo de Matos, in jornal *O Mensageiro*, Abril de 1964 in ROQUE GAMEIRO, Maria Alzira, op. cit., p. 57.

17. Adriano Moreira, *A espuma do Tempo – Memórias do Tempo de Vésperas*. Coimbra, Almedina, 2009, pág.11. In ROQUE GAMEIRO, Maria Alzira, op. cit., p.68.

18. In LEITÃO DE BARROS, Joana. “De trás para a frente, a renúncia.” In Sandra LEANDRO (Ed.) *Flor de Água. Helena Roque Gameiro (1895-1986). Aquarelas e artes aplicadas*. Amadora, Câmara Municipal da Amadora, 2017, p. 38.



# ALFREDO ROQUE GAMEIRO

---

Alfredo Roque Gameiro nasceu em Minde em 1864 e morreu em Lisboa em 1935. É considerado um dos grandes aguarelistas portugueses, tendo também desenvolvido uma intensa actividade como ilustrador.

Segundo Jaime Martins Barata, “tendo uma vista extremamente penetrante — chegou a queixar-se de “ver demais” —, na verdade ele viu mais com os olhos da alma do que com os olhos do corpo. As suas paisagens, os seu retratos, e, principalmente as suas marinhas, não são nunca transposições rigorosas da realidade. São transfigurações dum estado de enlevo simples, natural, sem filosofias nem escolas, duma alma ‘panteísta e franciscana’.”

Uma parte importante da sua obra encontra-se no Museu da Aguarela Roque Gameiro, em Minde, bem como nos museus Nacional de Arte Contemporânea, da Cidade de Lisboa, de Arte Contemporânea de Madrid, de Viseu, José Malhoa e outros; e em múltiplas colecções particulares em Portugal e no estrangeiro.

---

Alfredo Roque Gameiro was born in Minde, Portugal, in 1864; and died in Lisbon in 1935. He is considered one of Portugal’s greatest watercolor painters, having also developed an intense activity as illustrator.

According to Jaime Martins Barata, “having an extremely penetrating look — he would even complain that he ‘saw too much’ —, in fact he saw more with the eyes of the soul than with his bodily eyes. His landscapes, his portraits, and especially his seascapes, are never rigorous transpositions of reality. They reflect a state of simple and natural wonder — without philosophies or schools — of a ‘pantheistic’ and ‘Franciscan’ soul.”

An important part of his work can be found at the Roque Gameiro Watercolor Museum in Minde; in various other museums, including the José Malhoa, Lisbon, Madrid Contemporary Art, National Contemporary Art, and Viseu museums; and in multiple private collections in Portugal and abroad.



# RAQUEL ROQUE GAMEIRO

---

Filha de Roque Gameiro, Raquel Roque Gameiro (1889–1970) distinguiu-se como aguarelista e ilustradora.

Expôs pela primeira vez na Sociedade Nacional de Belas Artes (SNBA), em 1909, tendo recebido uma menção honrosa. O seu trabalho de aguarela foi repetidamente exposto e galardoado com vários prémios, incluindo a medalha de honra da SNBA. Em 1923, participou na exposição de aguarelistas portugueses, em Madrid.

Ilustrou numerosas obras (e.g., o *Livro do Bebê*) e colaborou em várias publicações periódicas (e.g., *Diário de Notícias*, *O Século*, *O Comércio do Porto*).

---

The first-born child of Alfredo Roque Gameiro, Raquel Roque Gameiro (1889–1970) distinguished herself as a watercolor painter and illustrator.

Her work was first exhibited at Portugal's Fine Arts Society (SNBA) in 1909, having then been awarded an honorary mention. She would later be recognized with multiple other prizes, including the SNBA Gold Medal. In 1923, her paintings were included in the Madrid exhibition of Portuguese watercolor painters.

She illustrated numerous books (e.g., *Livro do Bebê*) and contributed to various newspapers (e.g., *Diário de Notícias*, *O Século*, *O Comércio do Porto*).



# MANUEL ROQUE GAMEIRO

---

Tal como o pai, Manuel Roque Gameiro (1892–1944) pintou aguarelas, que frequentemente assinava com o pseudónimo Manuel Migança (o nome por que era conhecido o seu avô paterno). Foi distinguido pela Sociedade Nacional de Belas Artes, tendo o seu trabalho sido incluído em várias exposições. Colaborou como caricaturista em vários jornais humoristas.

---

Like his father, Manuel Roque Gameiro (1892–1944) chose watercolor as a medium of choice. He frequently signed his paintings under the the pseudonym Migança (the name his paternal grandfather was known by). Manuel was distinguished by Portugal's Fine Arts Society and his work included in multiple exhibitions. He collaborated as a caricaturist in various humor newspapers.



# HELENA ROQUE GAMEIRO

---

A segunda filha de Alfredo Roque Gameiro, Helena Roque Gameiro (1895–1986) expôs pela primeira vez quando tinha apenas quinze anos. Pintou aguarelas a vida inteira.

Helena participou em inúmeras exposições, dentro e fora de Portugal. Foram-lhe atribuídos vários prémios pela Sociedade Nacional de Belas Artes. A paisagem rural e as flores do jardim foram os grandes temas da sua pintura.

Durante muitos anos, foi professora e directora das Oficinas de Arte Aplicada da Escola António Arroio.

Casou com José Leitão de Barros em 1923.

---

Helena Roque Gameiro (1895–1986), Alfredo's second daughter, had her work first exhibited when she was only fifteen years old. She would continue painting watercolors for the rest of her life.

Helena participated in multiple exhibitions, both in Portugal and abroad. She received various honors from Portugal's Fine Arts Society. Rural landscapes and garden flowers were some of her favorite painting themes.

For many years, she was professor and director at the António Arroio School.

In 1923 she married José Leitão de Barros.



# MÂMIA ROQUE GAMEIRO

---

Incentivada pelo pai Alfredo, para quem “já bastava de aquarelistas,” Mâmía Roque Gameiro (1901–1996) estudou pintura a óleo com Mily Possoz. Realizou a primeira exposição individual em 1923.

Para além da pintura, Mâmía ilustrou inúmeros livros infantis e publicações periódicas. Distinguiu-se também como primorosa miniaturista, nomeadamente em trabalhos de representação de histologia.

Quando, em 1926, casou com o pintor Jaime Martins Barata, ficou como vizinha de Alfredo e Assunção Roque Gameiro na casa de Campolide (para onde estes se tinham mudado pouco antes).

---

Encouraged by her father Alfredo, for whom there were already enough watercolor painters in the family, Mâmía Roque Gameiro (1901–1996) studied oil painting with Mily Possoz. Mâmía’s first solo exhibition took place in 1923.

In addition to painting, Mâmía illustrated numerous children’s books and magazines. She also distinguished herself as miniaturist, namely in histologic representation.

When in 1926 she married painter Jaime Martins Barata, Mâmía became Alfredo and Assunção Roque Gameiro’s neighbor in Campolide, in the building to which the family had recently moved.



# RUY ROQUE GAMEIRO

---

O filho mais novo de Alfredo Roque Gameiro, Ruy Roque Gameiro nasceu em 1906 na Amadora. Formou-se em escultura na Escola de Belas Artes. Expôs pela primeira vez em 1929, na Sociedade Nacional de Belas Artes. Recebeu vários prémios e ganhou vários concursos de escultura.

A sua promissora carreira artística veio a ser interrompida com o inesperado falecimento em 1935, vítima de acidente de viação.

---

Ruy Roque Gameiro, Alfredo's youngest son, was born in 1906 in Amadora. He studied sculpture in Lisbon's School of Fine Arts. His work was first exhibited in 1929 at Portugal's Fine Arts Society. He received multiple prizes and was the winner of various sculpture competitions.

Ruy's promising career was cut short by a fatal road accident in 1935, weeks after his father died.



# JOSÉ LEITÃO DE BARROS

---

Casado com Helena Roque Gameiro. José Leitão de Barros (1896–1967) destacou-se como homem de múltiplos interesses e talentos: depois de concluir o Curso da Escola Normal Superior da Universidade de Lisboa, foi professor do ensino secundário, cineasta, dramaturgo, cenógrafo, jornalista e pintor.

Vários dos seus quadros (aguarelas) encontram-se expostos em museus portugueses bem como no Museu de Arte Contemporânea de Madrid.

Intitulava-se “pintor falecido” quando deixou definitivamente de aquarelar, para se dedicar, sobretudo, ao cinema. Ganhou, com o filme *Ala Arriba!* (1942), um prémio na Bienal de Veneza.

Em 1934 e 1935, organizou os cortejos históricos das Festas da Cidade de Lisboa. Foi também secretário-geral da Exposição do Mundo Português, em 1940.

Durante os últimos dez anos de vida, assinou a crónica semanal *Os Corvos*, publicada no journal *Diário de Notícias* e escrita no seu estilo característico de observação aguda e anedótica.

Married to Helena Roque Gameiro, José Leitão de Barros (1896–1967) was as a man of many talents and interests: upon completing his studies at the University of Lisbon, he became a secondary school teacher, to which he added work as a scenographer, playwright, film director, journalist and painter.

Several of his paintings can be found in various museums throughout Portugal as well as in Madrid’s Contemporary Art Museum.

At one point, Leitão de Barros declared himself a “defunct painter” and focused his efforts on directing a series of short and long film productions, including *Ala Arriba!* (1942), which was distinguished at the Venice Biennial.

In 1934 and 1935, he organized the first historical pageant as part of Lisbon’s annual festival. He was also secretary general of Portugal’s 1940 Expo.

During the last ten years of his life, Leitão de Barros signed the weekly column *Os Corvos*, published in the *Diário de Notícias* newspaper and written in his characteristic style of acute and humorous observation.



# JAIME MARTINS BARATA

---

Jaime Martins Barata (1899–1970) estudou na Escola Normal Superior e, em 1922, iniciou no Liceu de Pedro Nunes a carreira de professor de desenho.

Frequentou as salas de desenho da Sociedade Nacional de Belas Artes, onde desenvolveu o interesse pela aguarela e conheceu Mãmía Roque Gameiro, com quem viria a casar em 1926.

Da obra artística de Martins Barata destacam-se pinturas de grande dimensão (óleo, têmpera, fresco); obras de cavalete (óleo, têmpera, aguarela, guache); e inúmeros selos, notas e moedas.

No entanto, a vocação “renascentista” de Martins Barata reflecte-se também em muitos outros interesses e contribuições: ilustração, fotografia, arqueologia naval, inventos diversos, etc.

---

Jaime Martins Barata (1899–1970) studied at the University of Lisbon and, in 1922, began a career as a secondary-school teacher.

As a young man, he spent many hours drawing and painting in the halls of Portugal’s Fine Arts Society. There he developed an interest for watercolor; and met Mãmía Roque Gameiro, to whom he would be married in 1926.

Martins Barata’s artistic oeuvre includes large-scale painting (oil, tempera, fresco); easel painting (oil, tempera, watercolor, gouache); and numerous stamps, bills and coins.

However, his renaissance-man character is reflected in many other interests and contributions: illustration, photography, naval archeology, miscellaneous inventions, etc.



## RETRATOS DE FAMÍLIA

---

A casa da Amadora (actualmente Casa-Museu Roque Gameiro) era a “base doméstica e oficinal” para a escola de arte que foi a família Roque Gameiro. O desenho e a aguarela ocupavam um lugar de honra nas tarefas diárias. Enquanto o pai esboça mais uma ilustração para *As Pupilas do Sr. Reitor*, Helena pinta uma jarra com flores, Raquel retoca uma boneco para uma revista, Mâmía trabalha nos seus óleos.

Desenhar e pintar era tão natural como comer ou dormir ou brincar. Presentes de anos e brincadeiras familiares frequentemente incluíam um desenho ou uma caricatura. E assim, para além do álbum fotográfico que nenhuma família dispensa, a “tribo” foi coleccionando um invejável album de retratos de familiares pintados por familiares.

## FAMILY PORTRAITS

---

Roque Gameiro’s Amadora house (currently a museum) was a true art school. Sketching and watercolor painting took pride of place among the various family activities. While the father prepares an illustration for a book, Helena paints a still life with a flower arrangement, Raquel places the finishing touches on a picture for a magazine, and Mâmía works on her oil painting.

To draw and to paint were as natural as to sleep and to eat and to play; birthday gifts and jokes frequently included a sketch or a caricature. And so, in addition to the customary family photo album, the Roque Gameiro clan accumulated an enviable set of family portraits painted by the family members themselves.



ALFREDO  
ROQUE GAMEIRO

*Auto-retrato (1904)*  
Aguarela sobre papel  
(400x295mm)  
Museu de Aguarela  
Roque Gameiro

*Self-portrait (1904)*  
Watercolor on paper  
(400x295mm)  
Roque Gameiro  
Watercolor Museum



ALFREDO  
ROQUE GAMEIRO

*Mãe do artista (1904)*  
Aquarela sobre papel  
(730x530mm)  
Museu de Aquarela  
Roque Gameiro

*The artist's mother (1904)*  
Watercolor on paper  
(730x530mm)  
Roque Gameiro  
Watercolor Museum



ALFREDO ROQUE GAMEIRO

*Esposa do artista (1891)*

Aguarela sobre papel  
(715x460mm)

Museu de Aguarela  
Roque Gameiro

*The artist's wife (1891)*

Watercolor on paper  
(715x460mm)

Roque Gameiro  
Watercolor Museum



ALFREDO ROQUE GAMEIRO

*Raquel (1890)*  
Aquarela sobre papel  
(300x400mm)  
Coleção particular

*Raquel (1890)*  
Watercolor on paper  
(300x400mm)  
Private collection



ALFREDO ROQUE GAMEIRO

*Raquel (1904)*  
Aquarela sobre papel  
(510x720mm)  
Museu de Aquarela  
Roque Gameiro

*Raquel (1890)*  
Watercolor on paper  
(510x720mm)  
Roque Gameiro  
Watercolor Museum



ALFREDO ROQUE GAMEIRO

*Mãmia (1919)*

Aquarela sobre papel  
(180x240mm)

Colecção privada

*Mãmia (1919)*

Watercolor on paper  
(180x240mm)

Private collection



RAQUEL  
ROQUE  
GAMEIRO

*Autoretato familiar com as filhas Ana,  
Manuela e Guida na foz do Arelho  
(1916)*  
Aquarela sobre papel (260x360mm)  
Colecção privada

*Self-portrait with children Ana,  
Manuela and Guida at Foz do Arelho  
beach (1916)*  
Watercolor on paper (260x360mm)  
Private collection



JAIME MARTINS BARATA

*Mãmía (1924)*  
Aquarela sobre papel  
(390x290mm)  
Colecção privada

*Mãmía (1924)*  
Watercolor on paper  
(390x290mm)  
Private collection



JAIME MARTINS BARATA

*Bixa (1933)*  
Grafite sobre papel  
(250x350mm)  
Colecção privada

*Bixa (1933)*  
Graphite on paper  
(250x350mm)  
Private collection



JAIME MARTINS  
BARATA

*José Pedro (c 1940)*  
Têmpera sobre tela  
(450x650mm)  
Coleção privada

*José Pedro (c 1940)*  
Tempera on canvas  
(450x650mm)  
Private collection



## AGUARELA: O MAR E A COSTA

---

Roque Gameiro passava dias e dias nas praias do litoral português, por vezes alugando casas nas redondezas, por vezes acampando na própria praia. “Queria ver o nascer e o pôr do sol, queria sentir o barulho do mar (...) Da praia da Adraga até à Ericeira e Nazaré nenhuma ficou sem o seu olhar”. Destas excursões ficaram dezenas de aguarelas testemunhando, nas palavras de Mãmia, que “ninguém pintou o mar como ele”.

## WATERCOLOR: THE SEA AND THE SEA SHORE

---

Roque Gameiro spent days and days hiking along the Portuguese shore, sometimes renting a house in the neighborhood, sometimes camping at the beach. “He wanted to watch the sunrise and the sunset, he wanted to feel the ocean roar ... From Adraga to Ericeira to Nazaré, there was no beach scene he did not examine,” writes his daughter Mãmia. The multiple watercolors painted during these excursions are the best proof that “no one ever painted the sea as he did.”



ALFREDO  
ROQUE  
GAMEIRO

*Fortaleza das Berlengas*  
Aquarela sobre papel (275x185mm)  
Coleção privada

*Berlengas Fortress*  
Watercolor on paper (275x185mm)  
Private collection



ALFREDO  
ROQUE  
GAMEIRO

*Depois da Tempestade*  
(1923)

Aguarela sobre cartão  
(370x470mm)

Colecção particular

*After the Storm* (1923)

Watercolor on board  
(370x470mm)

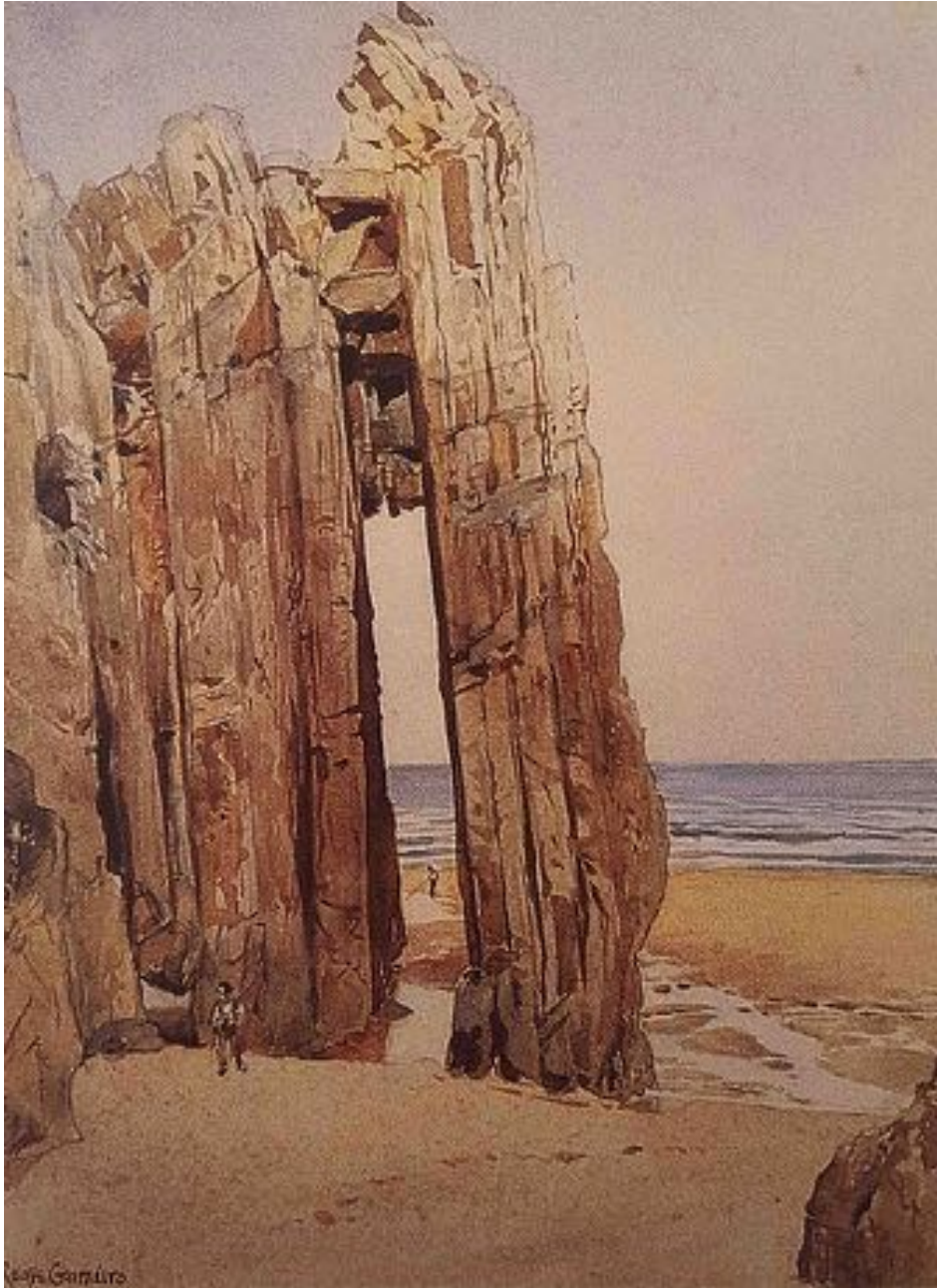
Private collection



ALFREDO  
ROQUE  
GAMEIRO

*Chuva no Mar*  
Aquarela sobre cartão (155x115mm)  
Colecção particular

*Sea Rain*  
Watercolor on board (155x115mm)  
Private collection



ALFREDO  
ROQUE  
GAMEIRO

*Praia Grande*  
Aquarela sobre papel  
(160x210mm)  
Colecção particular

*Long Beach*  
Watercolor on paper  
(160x210mm)  
Private collection



ALFREDO  
ROQUE  
GAMEIRO

*Pedra da Papoa*  
Aguarela sobre cartão  
(185x275mm)  
Museu de Aguarela  
Roque Gameiro

*Papoa Rock*  
Watercolor on board  
(185x275mm)  
Roque Gameiro  
Watercolor Museum



ALFREDO  
ROQUE  
GAMEIRO

*Rochedos*

Aquarela sobre cartão  
(90x135mm)

Colecção particular

*Rocks*

Watercolor on board  
(90x135mm)

Private collection



ALFREDO  
ROQUE  
GAMEIRO

*Arco da Adraga*  
Aquarela sobre papel (230x180mm)  
Museu de Aquarela Roque Gameiro

*Adraga Beach*  
Watercolor on board (230x180mm)  
Roque Gameiro Watercolor Museum



ALFREDO  
ROQUE  
GAMEIRO

*Praia da Nazaré (1929)*  
Aquarela sobre papel (570x400mm)  
Casa Museu Marta Ortigão Sampaio

*Nazaré Beach (1929)*  
Watercolor on board (570x400mm)  
Marta Ortigão Sampaio Museum



## AGUARELA: INTERIORES E EXTERIORES

---

É notável a quantidade e a qualidade do trabalho de filhos e genros que, de uma forma ou de outra, foram influenciados por Roque Gameiro na preferência pela aguarela.

A presente selecção permite contrastar os estilos e aproximações de Alfredo Roque Gameiro e seus familiares. Helena é talvez a filha que mais proximamente segue os passos do pai, tendo aliás participado em exposições conjuntas. Raquel criou o seu estilo próprio, mais ligado à ilustração. Manuel, Mâmía e Ruy, tendo também partilhado o gosto e habilidade para a aguarela, foram-se interessando por outras lides artísticas (ver secção *Um Pouco de Tudo*).

Os genros José e Jaime, amigos e colegas na Sociedade Nacional de Belas Artes, juntaram-se também à tribo de aguarelistas, cada um com o seu estilo peculiar.

## WATERCOLOR: INDOOR AND OUTDOOR SCENES

---

Following on their father and teacher's footsteps, Alfredo Roque Gameiros's children (and sons-in-law) produced an impressive body of work. The master's influence is noticeable both in the choice of medium — watercolor — and in the preference for a “naturalist” perspective.

The present selection provides a good opportunity to contrast approximations and styles by various family members. Helena is probably the daughter who followed on the patriarch's steps the closest. Raquel developed her peculiar style. Manuel, Mâmía and Ruy, having shared the taste and ability for watercolor painting, later became interested in other art forms (cf *This and That*).

Sons-in-law José e Jaime, friends and colleagues at Portugal's Fine Arts Society, also joined in the watercolor “gang,” each with their own peculiar style.



ALFREDO  
ROQUE  
GAMEIRO

*Em Almoçageme*  
Aquarela sobre papel (220x180mm)  
Museu de Aquarela Roque Gameiro

*In Almoçageme*  
Watercolor on paper (220x180mm)  
Roque Gameiro Watercolor Museum



RAQUEL  
ROQUE  
GAMEIRO

*Tear em Minde*  
Aguarela sobre  
papel (370x350mm)  
Museu de Aguarela  
Roque Gameiro

*Minde Weaving  
Loom*  
Watercolor on paper  
(370x350mm)  
Roque Gameiro  
Watercolor Museum



RAQUEL  
ROQUE  
GAMEIRO

*Paisagem de São Tomé (1953)*  
Aquarela sobre papel (330x440mm)  
Colecção particular

*São Tomé Landscape (1953)*  
Watercolor on paper (330x440mm)  
Private Collection



HELENA  
ROQUE  
GAMEIRO

*A Casa da Venteira (1919)*  
Aquarela sobre papel (360x280mm)  
Colecção particular

*The Venteira House (1919)*  
Watercolor on paper (360x280mm)  
Private Collection



HELENA  
ROQUE  
GAMEIRO

*Eugaria (1947)*  
Aquarela sobre papel (360x280mm)  
Coleção particular

*Eugaria (1947)*  
Watercolor on paper (360x280mm)  
Private Collection



HELENA  
ROQUE  
GAMEIRO

*Toca do Leão (1952)*  
Aquarela sobre papel  
(205x255mm)  
Colecção particular

*Toca do Leão (1952)*  
Watercolor on paper  
(205x255mm)  
Private Collection



HELENA  
ROQUE  
GAMEIRO

*Natureza Morta (1956)*  
Aquarela sobre papel (345x260mm)  
Coleção particular

*Still Life (1956)*  
Watercolor on paper (345x260mm)  
Private Collection



HELENA  
ROQUE  
GAMEIRO

*Jarra com Flores*  
(1930)

Aquarela sobre  
papel (450x500mm)  
Coleção particular

*Flower Vase (1930)*  
Watercolor on paper  
(450x500mm)

Private Collection



JOSÉ  
LEITÃO  
DE BARROS

*Azenhas do Mar*  
Aquarela sobre papel (530x360mm)  
Colecção particular

*Azenhas do Mar*  
Watercolor on paper (530x360mm)  
Private Collection



JAIME  
MARTINS  
BARATA

*Na Pedreira do Zé Manel*  
Aquarela sobre papel (740x530mm)  
Colecção particular

*At Zé Manel's Quarry*  
Watercolor on paper (740x530mm)  
Private Collection



## UM POUCO DE TUDO

---

Argumentando que “já chega de aguarelistas”, Roque Gameiro aconselhou a filha mais nova, Mãmía, a pintar em óleo. Se se preocupava com falta de variedade, preocupou-se em vão. Raquel e Mãmía distinguiram-se como ilustradoras. Ruy seguiu uma brilhante e promissora carreira como escultor (tendo morrido tragicamente ainda novo).

Com a adição de dois genros, o clã alargou ainda mais o seu âmbito artístico. José Leitão de Barros, tendo também começado como aguarelista, liderou inúmeros projectos e ideias (por exemplo, as marchas populares) e desenvolveu uma intensa actividade no campo do cinema (incluindo várias curtas e longas metragens). Jaime Martins Barata, por sua vez, distinguiu-se como pintor de obras de grande dimensão (nomeadamente frescos), bem como desenhador de selos e moedas.

## THIS AND THAT

---

Claiming that “we already have enough watercolor painters,” Alfredo Roque Gameiro encouraged his youngest daughter, Mãmía, to paint in oil instead. If lack of variety was his worry, he worried in vain. Raquel and Mãmía distinguished themselves as illustrators. Ruy followed a promising career in sculpture (having tragically died while still young).

With the addition of the two younger sons-in-law, the clan widened its artistic breath considerably. José Leitão de Barros worked on numerous projects and ideas (including the 1940 Portuguese World Exhibition) and developed an intense activity in the field of cinema. Jaime Martins Barata, in turn, distinguished himself in large-scale painting (especially fresco painting) and in designing stamps and coins.



MÂMIA  
ROQUE  
GAMEIRO

*Nazaré (1926)*  
Óleo sobre cartão (390x195mm)  
Colecção particular

*Nazaré (1926)*  
Oil on board (390x195mm)  
Private collection



MÀMÍÁ  
ROQUE  
GAMEIRO

*A Taberna dos Injejuns*  
Óleo sobre tela  
(330x410mm)  
Colecção particular

*The Injejuns Tavern*  
Oil on canvas  
(330x410mm)  
Private collection



MÀMIA  
ROQUE  
GAMEIRO

*Arranjo de Conchas*  
(c 1965)

Conchas e outros  
materiais sobre madeira  
(330x410mm)  
Colecção particular

*Sea Shell Arrangement*  
(c 1965)

Sea shells and other  
materials on wood  
(330x410mm)  
Private collection



RUY  
ROQUE  
GAMEIRO

*Mulher (1933)*  
Bronze (135x69x62cm)  
Fundação Calouste  
Gulbenkian

*Woman (1933)*  
Bronze (135x69x62cm)  
Calouste Gulbenkian  
Foundation



RUY  
ROQUE  
GAMEIRO

*Infante Dom Henrique (c 1930)*  
Baixo relevo em bronze (655x570mm)  
Colecção particular

*Prince Henry the Navigator (c 1930)*  
Bronze bass relief (655x570mm)  
Private collection



UMA MULTIDÃO DESCONHECIDA VIVE A HISTÓRIA DE  
**ALA-ARRIBA**  
um filme de LEITÃO DE BARROS música de RUY COELHO direção de ALFREDO CORTÉZ  
PRODUÇÃO DA TOBIS PORTUGUESA DISTRIBUÍDA PELA SONORO FILME  
E REALIZADA COM O SUBSÍDIO DO SERVIÇO TÉCNICO DE CINEMATOGRAFIA NACIONAL

JOSÉ  
LEITÃO  
DE BARROS

*Ala-Arriba! (1942)*  
Filme de longa metragem  
(84 min)  
Cinemateca Portuguesa

*Ala-Arriba! (1942)*  
Docufiction film (84min)  
Cinemateca Portuguesa



JAIME  
MARTINS  
BARATA

*Graça Malato*  
Sanguíneo sobre papel  
(300x400mm)  
Coleção privada

*Graça Malato*  
Sanguine on paper  
(300x400mm)  
Private collection



JAIME  
MARTINS  
BARATA

*Mulher de Colares*  
(1947)

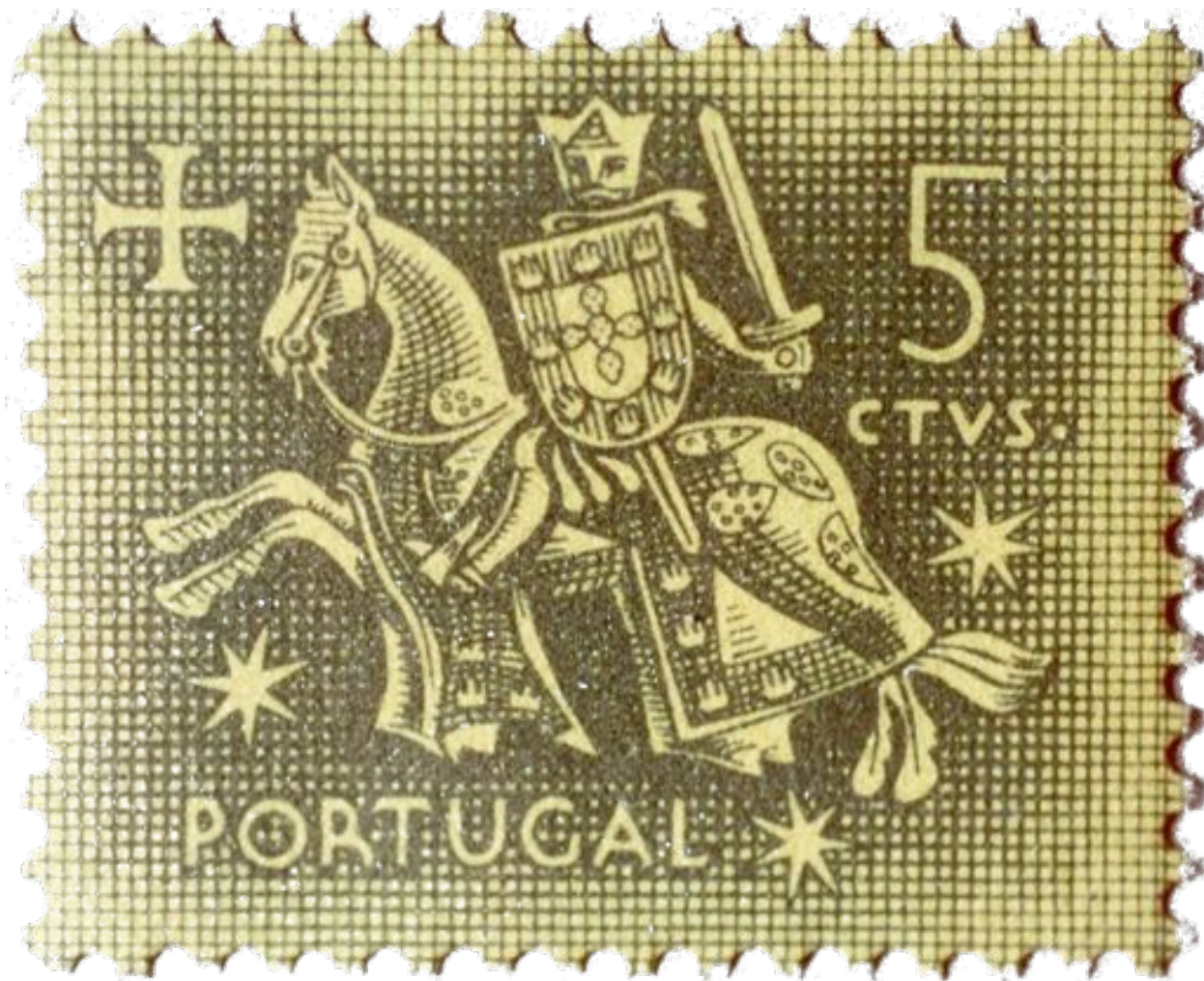
Têmpera sobre tela  
(500x510mm)

Colecção privada

*Woman from Colares*  
(1947)

Tempera on canvas  
(500x510mm)

Private collection



JAIME  
MARTINS  
BARATA

*Selo postal da emissão D. Dinis  
(também conhecido como cavaleiro)  
(1953)*  
Reprodução à escala

*D. Dinis postage stamp (1953)*  
Scaled-up reproduction



JAIME  
MARTINS  
BARATA

*Batalha dos Atoleiros (1966)*  
Reprodução em tela de buon fresco  
(673x335cm)  
Palácio de Justiça de Fronteira

*Atoleiros Battle (1966)*  
Reproduction on canvas of buon fresco  
(673x335cm)  
Fronteira Court of Justice





Assunção e Alfredo Roque Gameiro

Assunção and Alfredo Roque Gameiro



A família Roque Gameiro no jardim da casa da Amadora (também conhecida por Venteira)

The Roque Gameiro family in the Amadora (a.k.a. Venteira) house garden



Raquel Roque Gameiro.  
Fotografia incluída na  
*Ilustração Portuguesa*  
(suplemento semanal do  
jornal *O Século*) de 27 de  
Novembro de 1911

Raquel Roque Gameiro.  
Photograph included in the  
magazine *Ilustração  
Portuguesa*, 27 November  
1911



Manuel Roque Gameiro

Manuel Roque Gameiro



Helena Roque Gameiro

Helena Roque Gameiro



Màmía Roque Gameiro  
pintando a óleo

Màmía Roque Gameiro  
during one of her  
oil painting outings



Ruy Roque Gameiro junto a  
uma das suas esculturas

Ruy Roque Gameiro poses  
next to one of his works



Ruy Roque Gameiro e Alfredo Roque  
Gameiro

Ruy Roque Gameiro and Alfredo Roque  
Gameiro



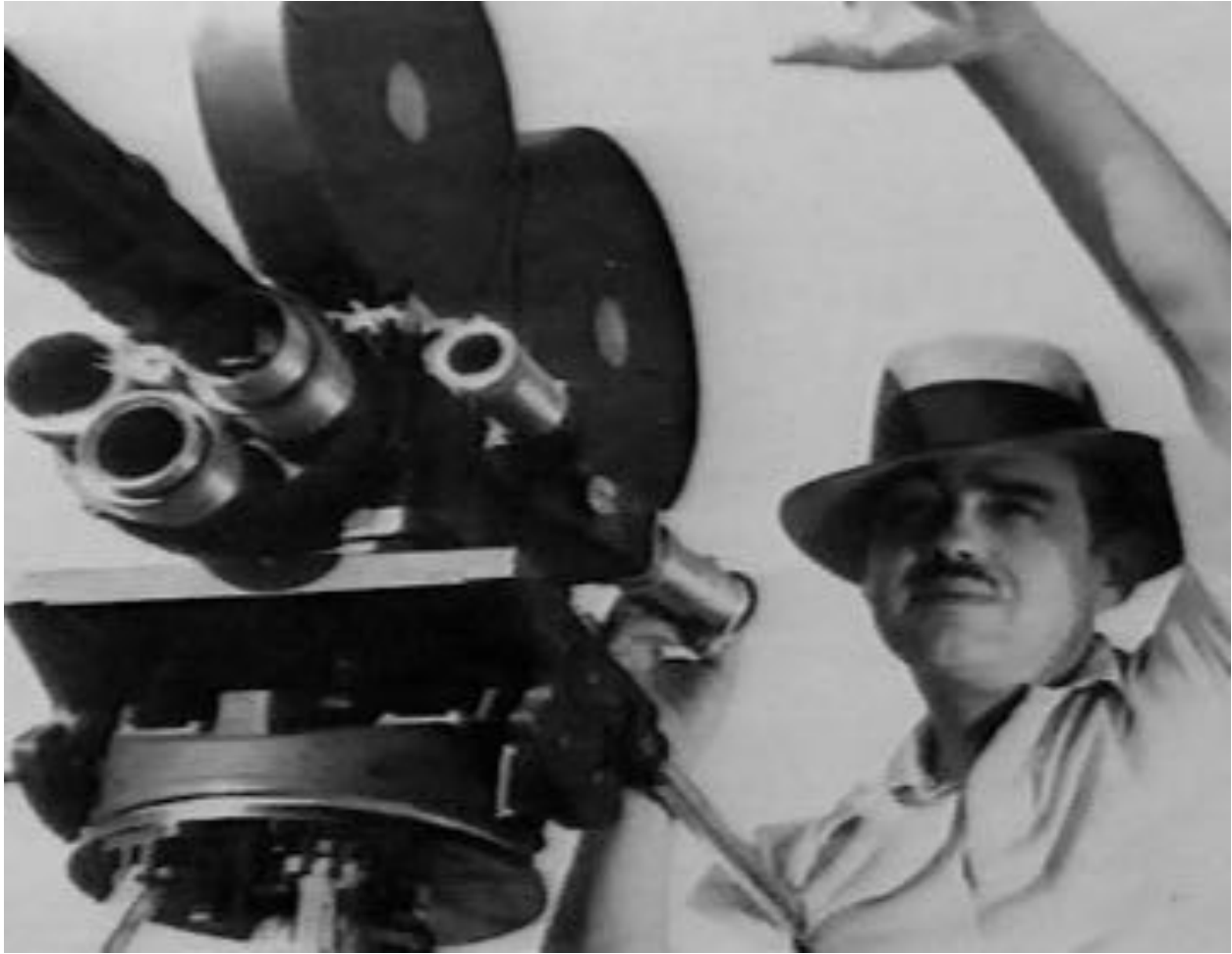
Na praia da Ericeira

At Ericeira beach



Helena Roque Gameiro e alunas no atelier da Rua D. Pedro V.

Helena Roque Gameiro with art students at the Roque Gameiro D Pedro V street studio.



José Leitão de Barros

José Leitão de Barros



Eugaria, 1935 (o ano da morte de Roque Gameiro): Jaime Martins Barata e Alfredo Roque Gameiro

Eugaria, 1935 (the year Roque Gameiro died): Jaime Martins Barata and Alfredo Roque Gameiro



3 gerações Roque Gameiro. Atrás: Alfredo, Ana, Mãmía e Raquel. À frente: Assunção (com Bixa ao colo), Guida e Nené.

Three Roque Gameiro generations. In the back: Alfredo, Ana, Mãmía e Raquel. In front: Assunção (with Bixa on her lap), Guida and Nené.



Alfredo Roque Gameiro  
com a neta Bixa (filha  
de Màmía e Jaime  
Martins Barata)

Alfredo Roque Gameiro  
with granddaughter Bixa  
(daughter of Màmía and  
Jaime Martins Barata)



A derradeira fotografia de Alfredo Roque Gameiro (1935), da autoria de Jaime Martins Barata

Alfredo Roque Gameiro's last photograph, shot in 1935 by Jaime Martins Barata